

Entre a prosa e a poesia: a Revolução de 30 e Drummond

Gabriel Provinzano Gonçalves da Silva¹

Resumo

A hipótese que a comunicação procurará desenvolver é de que o poema “Outubro 1930” ocupa uma posição importante dentro do primeiro lirismo de Carlos Drummond de Andrade, porque condensa soluções e temas da intensa atividade poética do Autor ao longo da década de 20, ao mesmo tempo em que antecipa dilemas e impasses da sua produção da década de 30. De modo mais amplo, a apresentação buscará mostrar como ele se insere dentro do acirrado debate modernista daquele momento e o refrata, dando forma própria a suas questões e problemas. Publicado pela primeira vez no calor da hora, em maio de 1931 - um ano depois de *Alguma poesia*, ao qual seria incorporado em 42, na segunda edição -, o poema é um relato em prosa e verso da experiência de Drummond na Revolução de 30, da qual participou como funcionário das Forças Revolucionárias Mineiras, em Barbacena, Minas Gerais. Salvo erro, trata-se da primeira tentativa de fôlego do Autor de cantar o tempo presente, mas ainda de um ponto vista galhofeiro e distanciado. “Outubro 1930” deixa entrever, assim, a passagem do individualismo irônico de *Alguma poesia* para o clima de fracasso e paralisia de seu segundo livro, *Brejo das Almas* de 1934. Através de um brevíssimo comentário crítico, a comunicação tentará sugerir uma leitura de mão dupla do poema: de um lado, como uma espécie de ponto de chegada de dez anos de lirismo desenfreado (a expressão foi cunhada por Drummond) e, de outro, como um aprofundamento e deslocamento das tensões contidas em *Alguma poesia*.

Palavras-chave

modernismo brasileiro; Carlos Drummond de Andrade; *Alguma poesia*; *Brejo das Almas*

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação de Literatura Brasileira. E-mail: gabriel2.silva@usp.br.

“Outubro 1930” foi publicado pela primeira vez no *Estado de Minas* em maio de 1931 e depois n’*O Jornal* do Rio de Janeiro em dezembro de 34, antes de ser incluído na segunda edição de *Alguma poesia*, de 1942. Único do livro escrito depois de 1930, o poema é um registro em prosa e verso da experiência de Drummond na Revolução de 30, da qual participou como funcionário das Forças Revolucionárias Mineiras, em Barbacena, Minas Gerais. Salvo erro, trata-se da primeira tentativa de fôlego do Autor de cantar o tempo presente - programa estético-político que ganharia cada vez mais proeminência em sua obra e que culminaria com *A rosa do povo* (1945), como se sabe. Silviano Santiago viu mais semelhanças do que diferenças entre os dois momentos e, numa das notas apostas à correspondência de Drummond com Mário de Andrade, aventou se “Outubro 1930” não teria sido publicado em *Alguma poesia* com o sentido de uma autocrítica ao individualismo exacerbado do livro. E, no prefácio à mesma edição da correspondência, deu um passo além, afirmando que o poema teria sido incluído “como a querer provar o passado de militância tenentista do poeta” (SANTIAGO, “Suas cartas, nossas cartas”. In: COELHO, 2002, pp. 30-31). Já Iumna Maria Simon viu no poema, pelo contrário, “uma colagem mesclada de registros variados, escrita com galhofa, anticivismo e consciência da insignificância da história local, em clima bem diverso de *A rosa do povo*” (SIMON, 2015, p. 170). Qual a posição por conseguinte ocupada pelo poema dentro do primeiro lirismo de Drummond? Ponto de virada ou, ao invés, prolongamento do individualismo característico do seu livro de estreia? Para tentar responder, voltemos ao começo de “Outubro 1930” (ANDRADE, 2002, pp. 139-142):

Suores misturados
no silêncio noturno.
O companheiro ronca.
O ruído igual
dos tiros e o silêncio
na sala onde os corpos
são coisas escuras.
O soldado deitado
pensando na morte.

A abertura do poema surpreende porque, no lugar de lances espetaculares,

próprios a um acontecimento histórico importante, focaliza detalhes insignificantes dos bastidores. A escolha de suores e roncos parece um esforço para inverter e desmentir as representações da historiografia oficial, em geral repletas de heroísmo e patriotada. Esse esforço é completado pela adoção de um ponto de vista interno e, a despeito da ausência de vestígios da primeira pessoa, parcial que evita generalizações e idealizações, atendo-se ao miúdo e ao pequeno. No nível da linguagem, essa opção se reflete na escolha do vocabulário, objetivo e dominado por substantivos concretos. Por sua vez, a construção dos versos a partir de cortes e *enjambements* resulta em unidades curtas e ágeis que lembram fragmentos de telegramas e que, com frequência, provocam uma quebra de expectativa.

Na verdade, a estrofe inteira como que joga com as expectativas do leitor. De modo mais específico, esse jogo aparece na confusão que os versos armam entre os ruídos e o silêncio, de um lado, e entre o sono e a morte, de outro. Pois, do mesmo modo como o silêncio faz pensar tanto nos que dormem quanto nos mortos, os ruídos - sugeridos foneticamente pelos sons rascantes e pela profusão de dentais - podem ser tanto dos tiros quanto dos roncos. A estrofe mistura, assim, a dimensão banal - roncos e dorminhocos - à dimensão excepcional e bárbara - tiros e mortos - da situação, destituindo-a ao cabo de qualquer grandiosidade. De modo mais amplo, essa quebra de expectativa se configura no hibridismo da estrutura, a qual provoca um tensionamento entre os gêneros épico e lírico, e que aliás atravessa o poema, como veremos. Quer dizer, o cunho descritivo e a ausência de marcadores de primeira pessoa parecem puxar para o lado da épica e da narração - talvez a princípio mais afinadas com o assunto -, porém a opção pela perspectiva parcial e pela disposição em versos como que puxam para o sentido contrário, o da lírica, redefinindo a divisão estrita entre os gêneros, o que - diga-se - foi um dos grandes anseios dos modernistas, em geral, e de Drummond, em particular. (É óbvio que o gênero épico não se define pela presença ou pela ausência da primeira pessoa, ou ainda pela disposição em prosa ou verso, bem como a lírica não se caracteriza pelo cunho subjetivo ou objetivo. Aqui estamos pensando em termos mais prototípicos, a

épica estando mais próxima da prosa e a lírica dos versos, além de em geral apresentar uma subjetividade saliente.)

De 5 em 5 minutos um ciclista trazia ao Estado-Maior um feixe de telegramas contendo, comprimida, a trepidação dos setores. O radiotelegrafista ora triste ora alegre empunhava um papel que era a vitória ou a derrota. Nós descansávamos, jogados sobre poltronas, e abríamos para as notícias olhos que não viam, olhos que perguntavam. Às 3 da madrugada, pontualmente, recomeçava o tiroteio.

Na sequência, fazendo as vezes da segunda estrofe, há um pequeno parágrafo em prosa. Junto com “O sobrevivente” – provavelmente escrito por volta de 1930 porque inédito antes da primeira edição de *Alguma poesia* -, “Outubro 1930” é o único poema do livro em que os dois registros se misturam, o que talvez aponte para uma intensificação da experimentação formal por volta de 30. Porém, mesmo só aparecendo nesses dois poemas, é possível falar num certo flerte do verso drummondiano deste período com a prosa. Isso porque sobretudo nos poemas mais longos de *Alguma poesia*, em “Explicação” por exemplo, há uma tendência a extrapolar a autonomia dos versos em benefício do encadeamento do conjunto, como se o movimento poético procurasse extravasar a unidade rígida das partes, o que se explica em parte porque Drummond se formou fora da tradição do verso metrificado e em certo sentido em oposição a ela, e em parte porque os anos que se iniciam mais ou menos em 26 (data provável da redação de “Explicação”) marcam um momento de ampla pesquisa estética, o que fica claro na própria heterogeneidade do conjunto do livro de 30.

No caso específico de “Outubro 1930”, a distensão do verso até a prosa poderia levar a pensar numa conversão à épica, mas não é o que ocorre, até porque depois do parágrafo há outras estrofes. Além disso, diferentemente da presença apenas tácita da primeira estrofe, assistimos no parágrafo à efetiva entrada em cena do narrador com a presença do pronome “nós”, forma cujo plural parece ter o objetivo de marcar uma coletividade entre os envolvidos no episódio. A mudança para a prosa não implica aumento da objetividade, pelo contrário: o narrador figura a si mesmo e a linguagem se torna um pouco menos literal (“o radiotelegrafista ora alegre ora triste” e “olhos que não

viam, olhos que perguntavam”). Nem por isso, porém, o registro perde inteiramente a concretude, por causa da persistência dos detalhes e das repetições. O parágrafo gera desse modo um efeito engraçado, pois representa a rotina tediosa na caserna a partir de uma linguagem cuja aparente objetividade acaba ressaltando a monotonia e o ridículo da situação, da qual Drummond não esperava grandes coisas.

A oscilação no ponto de vista entre a primeira e a terceira pessoa e a mescla entre as estrofes em versos e os parágrafos em prosa traduzem, cada uma à sua maneira, as dificuldades e os esforços empreendidos por Drummond para escapar do próprio individualismo. Por outro lado, esse vaivém incessante também é responsável pelo que o poema tem de híbrido e de inacabado, porque destituído de uma síntese. Assim, se testemunha que o poeta mineiro estava testando novos caminhos, essa alternância entre registros opostos também indica que naquele momento ele ainda não havia encontrado uma superação para as dicotomias que vinham travando sua atividade poética, como também revelam suas cartas do mesmo período a Mário de Andrade. Na verdade, esse clima de fracasso e paralisia se estenderia por alguns anos e, inclusive, está presente em vários poemas de seu segundo livro, *Brejo das Almas* de 1934, não por acaso definido por John Gledson como “um livro sobre o fracasso, não um livro fracassado” (GLEDSON, 1981, p. 94). De qualquer maneira, em “Outubro 1930” essas tensões já se encontram configuradas, ainda que de forma um tanto arrevesada. O poema ocupa por isso uma posição estratégica dentro da obra de Drummond, porque, embora não signifique uma ruptura completa, condensa não só as soluções, mas também os impasses da sua produção da década de 20.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia 1930-62*. Organização Júlio Castañon Guimarães, São Paulo: Cosac Naify, 2012.

COELHO, Lélia (org.). *Carlos & Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade - inédita - e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981.

SIMON, Iumna Maria. “O mundo em chamas e o país inconcluso”. In: *Novos estudos*. São Paulo: CEBRAP, 103, novembro 2015, pp. 169-191.